
EDITORIAL

Na medida em que é possível dizer, de um modo geral, que tanto a ciência como o conhecimento começam algures, então é igualmente válido o que se segue: o conhecimento não parte de percepções, de observações, nem da recolha de dados ou de fatos, mas sim de problemas. Sem problemas não há saber, como não há problemas sem saber. Quer isto dizer, que o conhecimento começa com a tensão entre o saber e o não-saber. Não há problema sem saber – não há problema sem não-saber. Portanto, poderíamos dizer que, não há nenhum problema sem conhecimento; mas, também, não há nenhum problema sem ignorância. Pois cada problema surge da descoberta de que algo não está em ordem com nosso suposto conhecimento; ou, examinado logicamente, da descoberta de uma contradição interna entre nosso suposto conhecimento e os fatos. (POPPER, 1972)¹

A grande preocupação das ciências sociais com a produção de conhecimento sobre o mundo social é envolta por grandes debates em torno da relação objeto-pesquisador. Não pretendemos aqui estender essa longa discussão, mas levantar algumas reflexões fundamentais para a apresentação desta nova edição.

Nas ciências sociais, assim como em outras ciências, a validade de suas “verdades” está assentada em circunstâncias particulares de condições sociais de produção. Condições essas que são muitas vezes negadas ou obscurecidas, mas que se fazem presentes em toda a trajetória de construção dos conhecimentos. As ciências sociais – falamos aqui em nome da antropologia, sociologia e ciência política – na busca por legitimidade no campo científico e influenciadas por correntes positivistas, buscaram a neutralidade em suas investigações, como se essa tarefa fosse possível.

Atualmente, sabemos que os pesquisadores não são motivados por interesses vagos ou abstratos e muito menos que sua relação com o objeto é totalmente neutra, eles são carregados de motivações diversas, sejam elas políticas, filosóficas, pessoais. A busca pela descoberta e pela investigação de problemas é mediada por trajetórias, histórias, contextos, perspectivas teóricas e aportes epistêmicos que regulam as escolhas dos caminhos a serem seguidos para a realização de uma determinada descoberta.

¹ POPPER, K. R. L. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972.

É nesse sentido que buscamos refletir sobre a construção do conhecimento no “exercício” de compreensão dos elementos que produziram aquele escrito. Não sabemos as motivações que levaram cada um dos autores a escolher determinados temas, métodos e caminhos teóricos, cada artigo selecionado poderia tomar rumos completamente diversos se escritos por diferentes pessoas, por isso cada escrita é única. Mediados pela busca do saber sobre algo, cada trabalho a ser lido é uma produção particular que pretende sair do anonimato e alcançar olhares de outros sujeitos interessados neste conhecimento. Gostaríamos de despertar no leitor a sensibilidade reflexiva sobre tais questões, não apenas nesta edição e nesta revista, mas nos demais escritos que venham a ler.

Este prelúdio proposto aos leitores foi elaborado com o intuito de apresentar a nossa visão nesta nova fase da revista. No conturbado contexto político e social do nosso país, com os diversos cortes de investimentos nos campos científico e educacional e com o perigo do cerceamento de determinadas ideias, passamos por um momento complicado que quase nos impediu de continuar a comunicar. Nesta nova fase, voltamos a publicar escritos e partilhar ideias na busca pelo diálogo e reflexão coletiva, pois de nada adianta o saber se ele não for compartilhado. Sabemos que a leitura pode gerar imprevisíveis implicações e esse é o nosso objetivo, que a leitura não acabe com o texto.

Como reiterado em todas as edições, a revista *Prelúdios* continua como espaço de fluxo para as produções sobre temas do universo das ciências sociais. Na quinta edição, mantemos a diversidade de temas assim como nas publicações passadas. Esta publicação conta com seis trabalhos, sendo cinco artigos científicos e uma resenha. Os artigos que apresentaremos adiante tratam desde questões sobre habitação e território nos meios urbano e rural até debates sobre a política externa brasileira. Também compõem esta edição a reflexão sobre o novo percurso teórico das ciências sociais e o seu “vitalismo”, a discussão envolvendo sexualidade, identidade e o mercado da prostituição e, por fim, a resenha abordando o lazer na Inglaterra do século XVIII.

No primeiro artigo desta edição, “As metamorfoses da política habitacional no Brasil”, a autora Marina Rute Pacheco analisa a política habitacional brasileira levando em consideração às particularidades do contexto político e histórico do Brasil. A autora traz o debate sobre o direito social à moradia, abordando seus aspectos econômicos e sociopolíticos, discutindo também a relação entre Estado e sociedade no que tange às questões habitacionais. Esse estudo propõe um recorte longitudinal ao analisar a problemática e suas propostas resolutivas no decorrer dos séculos XIX, XX e XXI.

No artigo de Carlos Eduardo Machado, “Frentes pioneiras, gente e terra: uma análise antropológica dos processos de racionalização do território no oeste-paulista”, a proposta é examinar eventos históricos pertinentes ao processo de povoamento da região Oeste do estado de São Paulo, como a ocupação do território, o desenvolvimento urbano-industrial e os significados envolvidos no pertencimento à terra. O artigo traz como estudo empírico um trabalho etnográfico realizado na cidade de Borá-SP e defende que esses processos configuram fases que culminaram na racionalização deste território, e, assim, debate as mudanças das relações sociais nele ocorridas.

Já em “Política externa e a semiperiferia: discursos e práticas”, Juliana Pinto traz o debate em torno da conjuntura internacional e a inserção do Brasil como um dos países semiperiféricos mais influentes do globo. O trabalho é resultado de um estudo sobre a política externa brasileira a partir do governo Lula, dando à luz aos aspectos discursivos e buscando desvelar a situação do Brasil no cenário internacional como um ator da chamada semiperiferia. A pesquisa buscou identificar a retórica diplomática brasileira a partir do ano de 2003 e seus reflexos nas práticas adotadas pelo país na esfera internacional.

Com uma discussão de cunho teórico, Thiago Pinho escreve em seu artigo “Rumo a uma nova ontologia: o vitalismo e as ciências sociais” sobre os limites da sociologia clássica e a nova “vitalidade” na teoria social. Com base nas obras de Tim Ingold e algumas ideias de Michael Foucault, o trabalho aponta que as ciências sociais, recentemente, começam a apresentar outros parâmetros filosóficos menos tradicionais. Um novo perfil na epistemologia das ciências sociais surge e novas reflexões sobre o vitalismo dessas ciências começaram a ganhar espaço. O artigo defende que as análises de Ingold superam alguns dos argumentos fenomenológicos clássicos e que ao eleger a experiência como principal fundamento ele cria uma nova forma de pensar o mundo social.

Na sequência, ao analisar como as profissionais do sexo constroem suas identidades em seus espaços de interação, buscando apreender suas linguagens, códigos identitários e estéticos, Michele Pupo provoca o leitor a refletir sobre os modelos de identidade e comportamentos aceitáveis em nossa sociedade. Analisando *sites* de prostituição, a autora aborda esses novos modelos identitários que reinventam normas morais e de conduta, tornando evidente o papel que é designado para a mulher na sociedade e os estigmas e punições produzidas aos que não aceitam os papéis tradicionais. Conhecidas como pessoas de “vida fácil” e “ímorais”, as prostitutas constroem suas identidades em torno do sexo, da sexualidade e do gênero, temas discutidos ao longo do artigo. “Sexualidades Periféricas: A constituição das identidades femininas entre o prazer e o merca-

do da prostituição” revela as autorrepresentações dessas mulheres, a construção da identidade como garota de programa e as demais identidades agregadas a esta identificação.

Por fim, Rodrigo Fernandes Frighetto nos instiga a imaginar a sociedade inglesa no século XVIII. A resenha do livro *A Albion revisitada: ciência, religião, ilustração e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII* apresenta as principais ideias trazidas por Luiz Carlos Soares ao explorar o contexto político, social e religioso do século XVIII por meio da análise de momentos-chave pouco explorados pela historiografia moderna. No livro, o autor faz uma contextualização da Inglaterra neste período destacando os partidos políticos, movimentos científicos, pensadores relevantes, movimentos econômicos e, por fim, uma análise da história urbana moderna inglesa, apresentando a cidade como espaço de sociabilidade e meio de promoção do lazer.

Esperamos que todos possam desfrutar deste novo número da revista *Prelúdios*, que a leitura possa produzir ecos e fecundas repercussões. Como não há saber sem o não saber, desejamos que a curiosidade e a busca pelo desconhecido sejam parte desta incursão por novos olhares sobre o mundo social.

Para todos, uma boa leitura.

Lorena Sales de Almeida

Iracema Souza

Revista Prelúdios